



A formação agrária participativa (FAP)

Manual pratico para implementação da metodologia

Janeiro 2012

*Documento elaborado por V. Legeait e S. Colmet Daage
com a contribuição de, S. Baliteau, D. Flour, N. Frère*

Contacto: essor.contact@free.fr

Introdução

I. Contexto e generalidades sobre a metodologia FAP

- I.1. Contexto geral: a metodologia FAP, uma abordagem alternativa
- I.2. Objectivos da FAP: desenvolver as competências do agricultor para tornar a sua atividade sustentável
- I.3. Fundamentos da metodologia: um processo contínuo de análise e experiência participativa
- I.4. Vários passos para o sucesso da metodologia
- I.5. Os contextos onde a FAP foi aplicada de 2000 a 2010: 4 zonas em 3 países

II. Modalidades de implementação da metodologia FAP

- II.1. Fase preliminar
 - II.1.1. Constituição e formação da equipa
 - II.1.2. Escolha e diagnóstico inicial da zona
 - II.1.3. Informação na comunidade
 - II.1.4. Constituição dos grupos de formação
 - II.1.5. Diagnóstico agrário participativo com os grupos
 - II.1.6. Elaboração de um programa de formação
- II.2. Realização da formação
 - II.2.1. Análise das práticas actuais
 - II.2.2. Introdução de novos conhecimentos teóricos e práticos
 - II.2.3. Viagens de estudo e de intercâmbio
 - II.2.4. Identificação de práticas alternativas pertinentes
 - II.2.5. Implementação das experiências
 - II.2.6. Monitoria e avaliação das experiências
 - II.2.7. Cerimónia final e entrega de certificados de participação
- II.3. Monitoria e avaliação do processo
 - II.3.1. Monitoria das atividades
 - II.3.2. Avaliação dos resultados

III. Resultados e limites da metodologia FAP

- III.1. Resultados em relação as mudanças nas técnicas e nos sistemas de produção agro pecuário.
- III.2. Efeitos sobre a renda agro pecuária, e o nível de vida . Relação custo benefício da metodologia FAP.
- III.3. Efeitos sobre o comportamento do agricultores.

IV. Desafios e perspectivas em relação a metodologia FAP

- IV.1. Difundir os resultados dentro da comunidade
- IV.2. Prolongar as FAP através dos promotores agro-pecuários
- IV.3. Transformar os grupos de formação em grupos de produção
- IV.4. Ligar a educação dos jovens e formação dos agricultores adultos
- IV.5. Envolver mais as instituições locais para facilitar a replicação da metodologia

V Síntese das principais forças e limites da metodologia

Conclusão

Introdução

ESSOR é uma organização não governamental francesa, criada em 1992 por profissionais do desenvolvimento. Actuando tanto no meio urbano como no meio rural, a ESSOR desenha e implementa projetos, em parceria com instituições locais, para o benefício das comunidades mais carentes.


ESSOR elaborou no Brasil e adaptou em Moçambique e em Cabo Verde uma metodologia de formação participativa de agricultores designada “**Formação agrária participativa**” (FAP). Esta metodologia pretende desenvolver as competências dos agricultores numa visão global e sustentável da atividade agro-pecuária.

O presente documento apresenta a metodologia FAP, de forma descritiva para os profissionais que queiram adoptar a mesma abordagem nas suas zonas de actuação, mas também de forma crítica apresentando as forças e os limites da mesma para os ajudar a adaptar melhor a FAP aos seus contextos de trabalho.

A ESSOR implementou esta metodologia através de projetos duma duração de 3 a 4 anos, geralmente em parceria com organizações locais.

A primeira parte deste manual apresenta como surgiu a metodologia FAP, quais são os princípios que a sustentam, e os contextos onde foi aplicada.

A segunda parte detalha cada etapa da implementação da metodologia. Inserimos uma “caixa de ferramentas”, que consiste numa selecção de documentos práticos utilizados pelas equipas de terreno para servirem de exemplo ou de base de trabalho para a replicação da metodologia. Realçamos alguns aspectos ligados às dificuldades encontradas, ensinamentos importantes e adaptações realizadas consoante as especificidades de cada contexto, na forma de notas

identificadas pelo símbolo .

Por fim, a terceira parte é uma análise crítica da metodologia, que detalha as suas vantagens, os seus limites e os seus pontos de melhoria possível.

Uma abordagem ou metodologia de desenvolvimento é por essência em perpétua evolução. A ESSOR desde já está a aplicar a FAP em outros contextos, junto com várias organizações e instituições locais, e acreditamos que as outras organizações poderão adoptar esta abordagem e contribuir em torná-la ainda mais eficiente e abrangente.

Podem enviar as vossas observações e sugestões no e-mail seguinte: essor.contact@free.fr

I. CONTEXTO E GENERALIDADES SOBRE A METODOLOGIA FAP

I.1. Contexto geral: a metodologia FAP, uma abordagem alternativa

Esta metodologia inscreve-se no âmbito da reflexão sobre a procura de alternativas as metodologias de extensão promovidas nos anos 1970 e 1980, nas quais os técnicos “detentores do saber”, levam para os camponeses “atrasados”, pacotes tecnológicos concebidos pelos serviços de pesquisa agrícola, e estreitamente ligado ao conceito de Revolução Verde e à difusão de insumos agro-pecuários a grande escala.

Esta metodologia mostrou muitas limitações, e em paralelo começou-se a abrir uma nova abordagem do desenvolvimento agrícola, baseada no conhecimento profundo dos sistemas de produção agro-pecuários, e o reconhecimento dos “saberes camponeses” e da racionalidade das estratégias camponesas. Desta reflexão nasceram novas metodologias de apoio técnico aos camponeses (“Camponês a camponês”, “Pesquisa e desenvolvimento”...), que reconhecem a necessidade de diagnosticar a situação real dos camponeses, levar eles a participar na análise dos problemas, na pesquisa e na validação de novas práticas adaptadas ao contexto mas também aos meios de cada grupo de camponeses. Mas tal como as outras metodologias de extensão, essas novas abordagens visam principalmente a encontrar soluções técnicas para responder aos problemas encontrados no momento pelos camponeses.

A metodologia FAP define-se como um processo de **formação**, melhor do que um processo de extensão, porque procura ir além da resolução de problemas imediatos e reforçar as competências dos participantes, de modo a resolver os problemas actuais e futuros.

I.2. Objectivos da FAP: desenvolver as competências do agricultor para tornar a sua atividade sustentável

Objectivo geral da FAP

A metodologia “Formação agrícola participativa” visa desenvolver os conhecimentos teóricos e práticos dos agricultores, de modo a tornar a sua unidade de produção mais eficiente em todas as suas componentes, integrar melhor a sua atividade no contexto agro ecológico e económico local, aumentar as suas capacidades e para se adaptar às futuras mudanças deste contexto, e reforçar a sua auto-estima e seu poder de dialogar com instituições públicas e privadas.

A metodologia FAP visa responder **três objectivos**, com prazos e escalas diferentes:

1. Responder a curto prazo (3 a 6 meses) aos problemas enfrentados hoje pelos camponeses, provocando um impacto bastante rápido nas suas condições de vida
→ efeito a curto prazo nas parcelas / nas criações
2. Reforçar as competências dos camponeses (saber, saber fazer, saber ser), e por consequência a sua capacidade de gerir a sua unidade de produção de maneira autónoma adaptando-se as evoluções do contexto agro-climático, económico e social
→ efeito a médio prazo nas unidades de produção

3. Reforçar a dignidade e auto-estima dos camponeses e permitir que eles exerçam a sua cidadania incluindo organizando-se para melhor dialogar e negociar com as instituições públicas e privadas
→ efeito a longo prazo na comunidade / na região / no país

A metodologia FAP é um processo que não divulga “receitas” preconcebidas mas sim procura transmitir aos produtores métodos de análise e resolução de problemas, e na qual o técnico e os agricultores trabalham mão na mão para experimentar e avaliar práticas alternativas.

I.3. Fundamentos da metodologia: um processo contínuo de análise e experiência participativa

A metodologia FAP acorda uma forte atenção ao diagnóstico e à análise dos problemas. Procura não só encontrar soluções imediatas aos problemas actuais, mas também desenvolver as competências teóricas e práticas dos camponeses para eles poderem enfrentar outras situações no futuro. A metodologia privilegia as trocas de experiência e a auto-aprendizagem, levando os agricultores a adquirirem métodos de análise e resolução de problemas.

Bases da metodologia FAP

- ❖ Adesão livre dos beneficiários, sem benefício material directo
- ❖ Trabalho com grupos de 15 a 30 agricultores da mesma povoação
- ❖ Processo longo: pelo menos 2 anos completos com os mesmos agricultores, e regular: pelo menos dois encontros (de 3 a 5 horas de duração cada) por mês (ou seja no total pelo menos 160 horas de formação)
- ❖ Processo participativo: o agricultor é o actor do processo em todo o processo
- ❖ Abordagem global: produções agrícolas e pecuárias (existentes e potenciais), processamento, abastecimento em insumos, comercialização, gestão
- ❖ Baseado no diagnóstico e na análise participativa das situações reais em toda a sua complexidade
- ❖ Programa de formação estruturado em objectivos pedagógicos teóricos e práticos, com conteúdo teórico e prático
- ❖ Formação realizada na língua local e com meios de comunicação adaptados ao público-alvo
- ❖ Unidades experimentais implementadas pelos agricultores com assistência do técnico facilitador
- ❖ Unidades experimentais seguidas e avaliadas pelo grupo de forma participativa
- ❖ Forte ligação com o contexto institucional / económico

I.4. Vários passos para o sucesso da metodologia

A implementação da metodologia segue uma sequência lógica, com vários passos desde o diagnóstico inicial da zona até a avaliação final dos resultados obtidos.

A duração do processo no seu conjunto varia de 2 a 4 anos, entre quais o “coração” do processo, a realização da formação, de 18 meses até 2 anos.

2 a 2 anos 1/2



1. Constituição e formação da equipa (2 meses)
2. Escolha e diagnóstico inicial da zona (1 mês)
3. Informação na comunidade (1 mês)
4. Constituição dos grupos de formação (1 mês)
5. Diagnóstico agrário participativo com os grupos (1 mês)
6. Elaboração de um programa de formação (1 semana)
7. Realização da formação (18 meses a 2 anos)
 - Análise das práticas actuais
 - Novos conhecimentos teóricos e práticos
 - Viagens de estudo e troca de experiências
 - Identificação de práticas alternativas pertinentes
 - Implementação das experiências
 - Monitoria e avaliação das experiências
8. Cerimónia final e entrega de certificados de participação

I.5. Os contextos onde a FAP foi aplicada de 2000 a 2010: 4 zonas em 3 países

Desde o ano 2000, a ESSOR elaborou e adaptou a metodologia FAP em 4 contextos bem distintos, localizados em 3 países: Brasil, Cabo Verde, e Moçambique.

As principais características desses contextos são detalhadas na tabela que segue.

Zona	Contexto agro-ecológico	Contexto económico local/regional	Contexto social/fundiário	Características do público-alvo	Principais sistemas de produção agro-pecuária
BRASIL Estado do Pará Município de Cametá 2000 - 2004	<ul style="list-style-type: none"> Zona amazônica, ao longo do rio Tocantins 2 zonas distintas: ilhas inundadas e terra firme nas margens do rio Forte impacto da construção de uma barragem no rio (diminuição dos recursos pesqueiros) Degradração da fertilidade dos solos 	<ul style="list-style-type: none"> Aumento da pressão ambiental Varição dos preços dos produtos agro-pecuários: crise da pimenta na terra firme e aumento da procura do açaí nas ilhas Presença duma cooperativa de comercialização mas com sérios problemas de gestão. Existência de oportunidades de crédito agrícola 	<ul style="list-style-type: none"> Êxodo rural para as grandes cidades Degradração dos serviços públicos de apoio a agricultura Importância dos sindicatos de trabalhadores 	<p>1010 agricultores das 2 zonas (36 grupos)</p> <p>Alfabetizados a 70 %</p> <p>Nível escolar: dos alfabetizados 50% fizeram 4 anos de escola (sabem ler e escrever) e 50% foram até 8ª classe</p>	<p>Nas ilhas, sistemas « extrativistas » (colheita de frutas - açaí, madeira, e pesca) - média 3 a 5 há</p> <p>Nas margens, mandioca com culturas comerciais (pimenta ou frutas) - média 10 a 20 há</p> <p>Criação de suínos e galinhas a pequena escala</p>
CABO VERDE Ilha de Santo Antão Concelho do Porto Novo 2006 -2010	<ul style="list-style-type: none"> Clima árido, chuvas aleatórias e violentas Relevo acidentado, erosão Disponibilidade em água limitada 	<ul style="list-style-type: none"> Dificuldades de abastecimento em insumos Saturação dos mercados agro-pecuários: preços baixos e desperdícios na época da safra Ausência de infra-estrutura de apoio a transformação e comercialização Dificuldade de acesso ao crédito Turismo em crescimento 	<ul style="list-style-type: none"> Má distribuição das terras Associações de desenvolvimento comunitário fracas Falta de apoio técnico A maioria dos produtores não são donos das terras Êxodo rural Individualismo dos produtores 	<p>415 agricultores (21 grupos)</p> <p>Alfabetizados a 90%</p> <p>Nível escolar: 75% com nível primário, 15% com nível secundário</p>	<p>Nos planaltos: Sistemas de produção baseados na criação extensiva a semi-extensiva de caprinos para produção de leite, com culturas alimentares de sequeiro (milho, feijão) + pequena criação (porcos, galinhas)</p> <p>Nas zonas de regadio, associação de culturas irrigadas (horticultura, fruticultura, culturas arvenses) + pequena criação em curral (cabra, galinha, porco)</p> <p>Uma terceira parte dos produtores tem acesso a regadio</p>
MOCAMBIQUE Província de Sofala Distrito de Nhamatanda 2006-2009	<ul style="list-style-type: none"> Efeitos das mudanças climáticas: época chuvosa reduzida em duração e volume Problemáticas ambientais: queimadas descontroladas, desflorestação Solos férteis 	<ul style="list-style-type: none"> Distrito localizado no corredor da Beira, eixo de comunicação Dificuldades de abastecimento em insumos Insegurança alimentar frequente 	<ul style="list-style-type: none"> Sensibilidade das questões políticas Importância da estrutura costumeira Fraca abrangência dos serviços públicos de extensão agrícola Direito de uso e aproveitamento da terra pela via costumeira 	<p>480 agricultores (21 grupos)</p> <p>Alfabetizados a 20%</p> <p>Nível escolar muito fraco</p> <p>60% da população só usa a língua local.</p>	<p>Sistemas de produção sequeira baseados na cultura do milho, com uma ou duas épocas de produção consoante acesso a zonas baixas</p> <p>Criação pequena a média de caprinos e galinhas</p>
MOCAMBIQUE Província de Nampula Distrito de Nacala a Velha 2008-2010	<ul style="list-style-type: none"> Zona seca com tendência a redução da época chuvosa Solos arenosos com fraca retenção de humidade 	<ul style="list-style-type: none"> Zona costeira mais virada para a pesca Dificuldades de abastecimento em insumos Insegurança alimentar crónica Doença viral CBSD que decima a mandioca, cultura alimentar de base 	<ul style="list-style-type: none"> Sociedade matriarcal: importância da mulher no processo produtivo Direito de uso e aproveitamento da terra pela via costumeira 	<p>350 agricultoras (22 grupos)</p> <p>Alfabetizados a 20%</p> <p>Nível escolar muito fraco</p> <p>80% da população só usa a língua local.</p>	<p>Sistemas de produção sequeira pouco diversificados baseados na cultura da mandioca</p> <p>Criação de galinhas a pequena escala</p>

II. MODALIDADES DE IMPLEMENTAÇÃO DA METODOLOGIA FAP

II.1. Fase preliminar

II.1.1. Constituição e capacitação da equipa

Esta etapa do processo é essencial porque o sucesso da metodologia depende por muito da capacidade da equipa. O técnico nesta metodologia tem um papel de animador ou facilitador, que requer capacidades de adaptação e de moderação muito maiores que numa abordagem de “transferência de tecnologias”.

II.1.1.1. Selecção dos técnicos e constituição da equipa

Os **requisitos mínimos** são:

- A vontade e a motivação para o trabalho de campo junto aos camponeses
- Conhecimentos concretos da agricultura, e se for possível uma formação técnica agro-pecuária
- Adaptabilidade e abertura de pensamento para entender e aplicar uma metodologia realmente participativa

Este último ponto é fundamental, o técnico devendo aceitar que ele não será “o professor que sabe tudo” em frente dos “camponeses que não sabem nada”. Ele deve aceitar que não tem soluções a todos os problemas mas é capaz de motivar e ajudar os agricultores a levar a cabo um processo de pesquisa e experimentação para eles mesmos resolverem os seus próprios problemas.

Um nível escolar avançado não é exigido, mas a pessoa deve dominar bem os cálculos básicos (cálculos de rendimentos, de área...) e ser capaz de escrever relatórios de atividades. Outros requisitos existem consoante as zonas, como por exemplo a prática da língua local, ou a capacidade de conduzir uma motorizada.



As vezes pessoas muito formadas e/ou experimentadas no sector agrícola têm uma abordagem muito directiva e não conseguem adaptar-se a metodologia participativa. Ao contrário, uma pessoa jovem sem formação técnica mas com grande vontade de apoiar as comunidades, poderá assimilar a metodologia com sucesso.

Um nível escolar razoável e uma verdadeira capacidade de adaptação são capacidades necessárias para os animadores poderem se apropriar a metodologia. Em Nacala foi difícil encontrar técnicos correspondendo a este perfil, uma condição adicional neste projeto sendo que os animadores deviam ser mulheres. Isto foi um constrangimento para aplicar a metodologia com qualidade. Resultou numa sobre carga do coordenador (necessidade de treinar de forma continua e acompanhar de perto a equipa) e duma certa maneira prejudicou os resultados do projeto.

O número de técnicos de campo depende da meta em termos de número de agricultores beneficiários.

Um técnico pode trabalhar com **120 a 280 agricultores** (em média 6 a 8 grupos de 20 a 35 pessoas).

O número de grupos, entre 6 e 8 é bastante rígido, tendo em conta o ritmo dos encontros. Ao contrário, o número de beneficiários por grupo pode variar bastante, mas o número ideal fica em volta de 25 pessoas, para garantir o carácter participativo do processo e ao mesmo tempo a riqueza da troca de ideias.

II.1.2. Capacitação e gestão da equipa

É fundamental capacitar a equipa, com um treinamento inicial e uma formação contínua ao longo do projeto. Para além de aumentar as capacidades dos técnicos, a formação contribui muitas vezes para manter a sua motivação, e concentrar os esforços em volta de objectivos comuns.

O treinamento inicial conta pelo menos com uma explicação da metodologia, algumas bases metodológicas (meios de comunicação, metodologias participativas...), e técnicas (componentes da unidade de produção, lógicas camponesas de produção ...)

Este treinamento tem uma parte teórica e uma parte prática no campo (conhecimento da zona, inquéritos com líderes e agricultores...)



Programa formação
inicial equipa Nhamatã

A formação contínua acontece regularmente ao longo da implementação do programa de formação-experimentação. Pode-se organizar sessões de formação da equipa sobre técnicas específicas para as quais os conhecimentos da equipa são limitados. Mas também cada encontro da equipa (pelos menos 2 a 4 dias por mês) é a ocasião de sempre questionar-se sobre as práticas dos agricultores para uma melhor percepção da realidade.



Tratando-se de uma metodologia participativa, é desejável que o funcionamento da equipa também seja participativo (encontros participativos de balanços das atividades, elaboração participativa dos conteúdos dos encontros com os grupos...)

II.1.2. Escolha e diagnóstico inicial da zona

A escolha da zona dependerá de vários factores como:

- As zonas consideradas prioritárias pelas autoridades / os poderes públicos
- O interesse manifestado pela população nos encontros de informação sobre o processo e a metodologia
- A motivação dos líderes locais (administrativos e/ou comunitários)
- O potencial agro-pecuário da zona
- Os meios disponíveis, especialmente meios de transporte e meios humanos para cobrir uma zona mais ou menos distante e mais ou menos grande
- Outros factores dependendo dos objectivos do projeto e da política de desenvolvimento agrária local

O diagnóstico realizado antes do arranque das atividades é útil para ter uma visão geral da zona, entrar em contacto com as comunidades, e seleccionar as comunidades onde irá se trabalhar. Este primeiro diagnóstico será completado por um diagnóstico participativo com os grupos de formação.

Os métodos para este diagnóstico podem ser vários, como por exemplo visitas no terreno, inquéritos ou entrevistas individuais, encontros com a comunidade, etc.

Geralmente realiza-se uma série de **inquéritos** para entender o funcionamento das unidades de produção agro-pecuárias. Esses inquéritos participam da formação dos técnicos da equipa, e também serão usados para estabelecer a situação inicial (“base line”) que servirá para futuras avaliações dos resultados atingidos.



Método diagnóstico inicial Santo Antão.doc



Guião inquérito SP Santo Antão.doc



Balçoço inquérito individual Santo Antão.doc



Nesta fase do trabalho, é importante deixar bem claro à população que ainda não há zonas definidas onde o projeto vai actuar, para não criar decepções que poderiam gerar futuros conflitos.

Finda a recolha de informações no terreno, escreve-se uma síntese do diagnóstico, que descreve, entre outras informações, **as várias zonas agro-ecológicas e os sistemas de produção agro-pecuárias** existentes, a organização social local, e eventualmente algumas sínteses específicas por atividade principal na zona.



Resultados zonas e SP Cameta.doc



Resumo sistemas de produção Cameta.doc



Síntese diagn agro socio eco exemplo Sa



Ficha sintética actividades Santo Antão.doc



Balçoço pecuaria Santo Antão.doc



Funcionamento territorial Nhamatanda

A **escolha das comunidades** que se beneficiarão da formação agrária participativa é realizada junto com as autoridades locais, ou pelo menos validada por elas.



Escolha das zonas de intervenção Santo Antão.doc

Existe uma alternativa estratégica: dependendo do tipo de impacto esperado, pode se decidir trabalhar numa zona mais concentrada com grupos muito próximos uns dos outros, ou numa zona mais alargada com grupos mais dispersos.

II.1.3. Informação na comunidade

Antes de começar as atividades de formação é preciso informar os actores da comunidade sobre todos os detalhes da metodologia.

A informação é transmitida pela equipa, **primeiro aos líderes locais** para eles facilitarem a difusão aos habitantes.

Depois organiza-se **encontros públicos** abertos a toda a população.

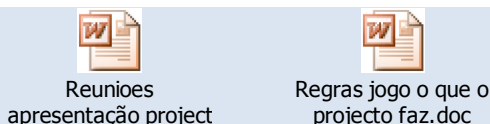


Encontro de informação na comunidade (Nhamatanda)

Em particular é crucial informar sobre a duração da formação, a importância de participar em todos os encontros, e dizer que não haverá distribuição de material ou insumos em contrapartida da assiduidade nos encontros. Também é bom explicar que este programa não tem nada a ver com partidos políticos nem com as igrejas, e que qualquer pessoa adulta é livre de participar, basta ser agricultor.

Esta fase de informação, que garante o bom entendimento da abordagem por todos (líderes locais e beneficiários potenciais) é fundamental para o sucesso do processo. É necessário ser o mais claro possível sobre as modalidades de trabalho que serão implementadas, senão pode gerar mal entendidos, e expectativas que poderão criar futuras decepções e conflitos. Também é importante explicar em que uma formação pode ajudar a melhorar a produção agrícola. Em muitos países a população está habituada a distribuições de insumos que trazem benefícios a curto prazo, e nunca conheceram num processo de formação com efeitos a médio e longo prazo.

Em Santo Antão, os objectivos do projeto foram apresentados na forma de um jogo (“o que o projeto faz e não faz”):



Depois de serem informados, **os agricultores inscrevem-se voluntariamente** em listas elaboradas por cada povoação ou bairro. É bastante importante verificar que a inscrição seja livre, e que os líderes não abusem da sua função deles para inscrever só pessoas da confiança deles.



Em Nhamatanda surgiram situações delicadas devidas às sensibilidades partidárias, a maioria da população sendo do partido oposto ao partido no poder (representado pela autoridade administrativa local). Na inscrição dos agricultores interessados também houve tentativa de alguns líderes para seleccionar os familiares ou pessoas do partido. Um bom diagnóstico inicial e uma comunicação clara sobre os objectivos do programa, assim como a inscrição dos beneficiários pela equipa ajudam a evitar essas situações.

Em Nacala a Velha, foi necessário levar tempo para explicar aos líderes locais (todos homens) o interesse de trabalhar com grupos de mulheres. Por razões culturais, pode ser difícil admitir que o projeto se focalize sobre este grupo-alvo. Em Santo Antão, os animadores andaram também de casa em casa para apresentar o projeto e motivar as pessoas para se inscreverem.

No caso de Cametá, o facto de estar em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais provocou uma auto-selecção dos primeiros participantes. Aceitamos isso para a primeira turma e tentamos alargar o público numa segunda fase.

II.1.4. Constituição dos grupos de formação

Na base das listas de inscrição, a equipa constitui **grupos de 25 a 35 agricultores** (esses grupos são chamados “GRAFE” -Grupos de Reflexão-Análise, Formação e Experimentação em Santo Antão, simplesmente “grupos de formação” nos outros contextos).

Os membros de um grupo devem viver numa zona geográfica cujo raio não ultrapassa 30 mn andando a pé, não dividida por obstáculos físicos (por exemplo um rio que enche impedindo a passagem), para facilitar a organização dos encontros.

Organiza-se um **primeiro encontro** com o grupo para acertar alguns aspectos práticos:

- Verificar o interesse dos inscritos e o bom entendimento dos objectivos e das modalidades do programa de formação

- Definir o local de encontros do grupo: deve ser escolhido um lugar quieto, de fácil acesso para todos os membros. Pode se aproveitar um edifício existente (por exemplo escola); quando não existe, o grupo muitas vezes propõe construir um pequeno alpendre. É recomendado que o local de encontros seja um pouco afastado das sedes de partidos políticos e das igrejas para reforçar a característica apartidária das atividades e garantir a participação de todos os interessados
- Definir o período dos encontros: a periodicidade dos encontros é fixada pela equipa, mas o grupo pode decidir que dia da semana quer se reunir, e as que horas
- Definir as regras de funcionamento do grupo (por exemplo número de faltas autorizadas, eleição do representante)



Preparação primeiras reuniões GRAFE.doc



A periodicidade dos encontros depende dos constrangimentos como por exemplo as distâncias ou as dificuldades de circulação. Em Cametá, por essas razões, o ritmo dos encontros era de dois dias seguidos, uma vez por mês.

II.1.5. Diagnóstico agrário participativo com os grupos

Nos primeiros encontros com cada grupo de formação, realiza-se um diagnóstico participativo agro-pecuário, com o objectivo de conhecer a atividade agro-pecuária local: características, constrangimentos, evoluções recentes...

Este diagnóstico pode ser conduzido de formas diferentes em quanto a sua duração (um a três encontros), aos métodos de trabalho (em grupo grande ou grupinhos).

Várias ferramentas podem ser utilizadas entre quais as mais frequentes são:

- A elaboração participativa de um mapa da comunidade com as zonas agrícolas e suas características
- A elaboração com o grupo de um calendário agrícola com cada tipo de trabalho de campo com seu respectivo período de trabalho
- A análise FOFA – forças, oportunidades, fraquezas, ameaças – da agricultura local
- A listagem das atividades do passado ou em via de desaparecimento
- A classificação dos problemas por ordem de importância
- A análise dos problemas (causas e consequências – árvore de problemas)



Metodologia DRP Nacala.doc

Baseando-se na análise anterior, o grupo elabora uma lista de **temas de interesse**, correspondendo as maiores problemáticas agrárias existentes localmente, que gostaria de tratar junto ao formador. O formador pode ajudar a identificar alguns temas que forem esquecidos pelos beneficiários, mas a lista definitiva deve ser aprovada pelo grupo. Por exemplo, ele pode sugerir temáticas "clássicas" como gestão da propriedade, solos e fertilidade, etc. ou propor produção que não se praticam ainda, mas são adaptadas a zona (horta, apicultura, piscicultura).

O resultado desta fase é um **conhecimento do contexto e da atividade agro-pecuária compartilhado** entre o grupo de agricultores e o técnico. É bom materializar este conhecimento

através de suportes gráficos (mapas, diagramas...) que permanecerão no grupo e poderão servir de novo ao longo da formação.



Técnico a facilitar o diagnóstico participativo (Nhamatanda)



Diagnóstico participativo com grupo de mulheres (Nacala)



As vezes, sendo a primeira etapa do projeto, a população não se expressa com muita facilidade. Daqui a importância de usar métodos a mesmo tempo simples e participativos.



Balço diag
participativo Santo Ar

II.1.6. Elaboração de um programa de formação

O objectivo da metodologia FAP é de aumentar os conhecimentos do agricultor e a sua capacidade de adaptação às mudanças do contexto que lhe rodeia, não é de transferir pacotes tecnológicos preconcebidos pelos agrónomos. Por isso trata-se de realizar com os beneficiários na comunidade, um verdadeiro programa de formação profissional de adultos, com conteúdos teóricos assim como práticos.

Na base das listas de temas de interesse propostas pelos grupos de uma determinada zona, a equipa de extensão elabora uma **lista de temas de formação**. Isto necessita às vezes de juntar várias propostas num só tema, ou ao contrário dividir um tema grande em vários módulos. Para servir de base à elaboração do programa de formação, o número de temas pode ser entre 8 e 12.

Os temas e o programa de formação variam muito de uma zona para outra, em função do contexto ecológico e agro-pecuário, das oportunidades de desenvolver novas produções, formas de valorização ou de comercialização dos produtos.

Assim, em Santo Antão, os temas do processamento e da comercialização foram centrais, tendo em conta a existência de um potencial local de venda de produtos processados.



Sintese temas de
interesse Nacala.doc

Para cada tema de formação elabora-se um **módulo de formação**. O conjunto dos módulos de formação constitui o **programa de formação**. Depois, trata-se de calendarizar este programa de formação consoante o calendário agrícola, e prever em quantas sessões teóricas e práticas cada módulo será tratado.

O programa de formação deve ser completo para dar aos agricultores todas as competências de base que ele necessita para ser mais eficiente e adaptável na sua atividade. Por isso, o programa baseia-se num **referencial de competências**, específico da zona onde se realiza o programa de formação. Este referencial pode se elaborar na altura da elaboração do programa de formação, ou ao longo da formação para cada tema abordado (definição dos objectivos pedagógicos de cada módulo).



Em poucos países existem referenciais de competências para os agricultores. O arranque dum projeto utilizando a metodologia FAP pode ser uma boa oportunidade para suscitar junto com as instituições competentes uma reflexão sobre a utilidade deste tipo de instrumento.

Um elemento importante na elaboração do programa de formação é de verificar que os principais elementos teóricos e transversais (alimentação de uma planta, fertilidade do solo, alimentação e saúde animal...) são contemplados.

Em Cametá, essas noções teóricas constituíam módulos de formação em si (embora são tratados a partir do exemplo de uma produção local), em quanto que em outras zonas, eram abordados ao longo dos módulos de formação.



Programa formação
Cameta.doc



Pg formação Santo
Antão.xls



Prog formation agri
Nham.doc



É importante abordar um tema com antecipação suficiente em relação ao calendário cultural (um a dois meses), para deixar o tempo de realizar todos os passos necessários e poder implementar as experiências na época adequada.

Para cada módulo, definem-se os **objectivos** do módulo:

- Objectivos gerais do módulo (como vai contribuir ao desenvolvimento da comunidade)
- Objectivos pedagógicos teóricos (queremos que o agricultor saiba...)
- Objectivos pedagógicos práticos (queremos que o agricultor saiba fazer...)



Objectivos
pedagogicos modulo :

Por fim, para cada módulo, elabora-se o **conteúdo detalhado** e define-se a carga horária do módulo:

- Número de encontros e conteúdo da parte teórica
- Número de encontros e conteúdo da parte prática
- Número e conteúdo das visitas de estudo

Para cada formação ou cada encontro de formação, a equipa elabora um **guião de formação** que recapitula o conteúdo e serve de base ao trabalho dos técnicos junto com os grupos.



Guião formação
pragas e doenças Sar



Guião alimentação
ruminantes Santo Ant



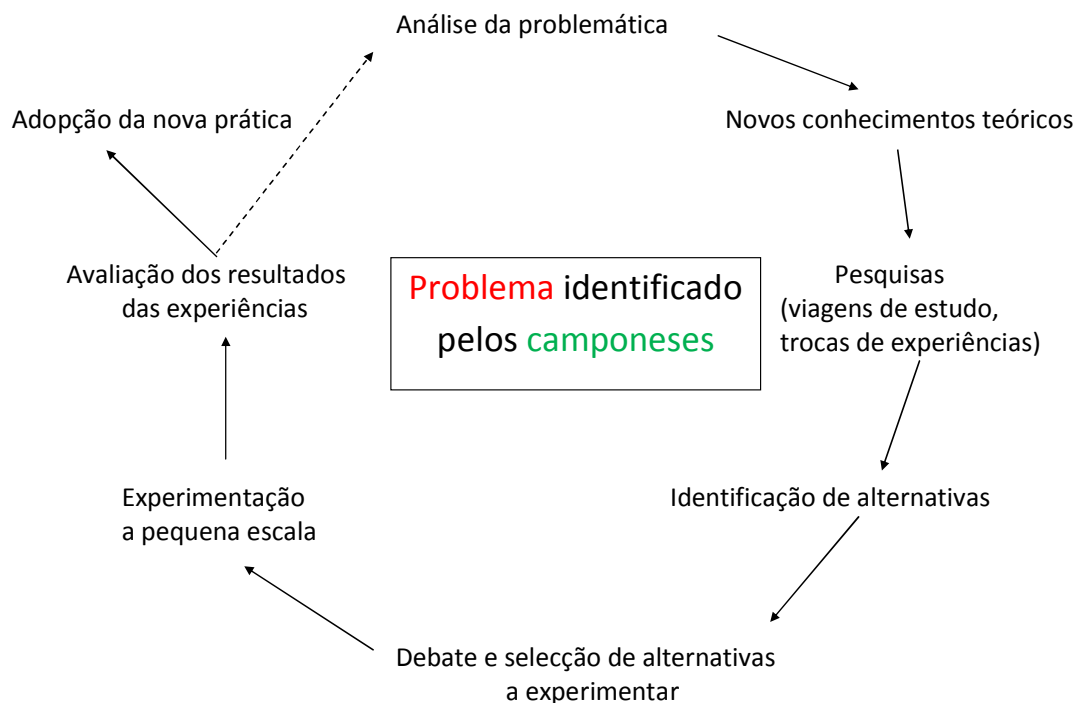
Guião encontro
teoria comercializaçã



O guião de formação serve sobre tudo de ajuda memória para o técnico sobre a sequência da formação, e os métodos a utilizar. Não é um documento que deve ser lido ou seguido exactamente. O técnico deve ter a capacidade e a flexibilidade de adaptar a formação as questões específicas levantadas pelos participantes!

II.2. Realização da formação

A formação se desenvolve em várias fases, seguindo **um ciclo centrado nos problemas identificados pelos agricultores**. Este ciclo desenrola-se para cada tema (ou módulo de formação):



II.2.1. Análise das práticas actuais

Ao abordar um módulo de formação, provoca-se primeiro um debate dentro do grupo em volta das práticas actuais (em toda a sua complexidade), tentando analisar:

- As causas dessas práticas
- Os seus aspectos positivos
- As suas desvantagens/os seus limites.

Muitas vezes pode haver, dentro da comunidade, várias práticas diferentes para a mesma atividade, o que enriquece os debates entre os membros do grupo.

O encontro pode se completar por uma visita numa ou várias parcelas para observar no terreno e comparar as práticas existentes.

II.2.2. Introdução de novos conhecimentos teóricos e práticos

A análise das práticas actuais pode ficar limitada por falta pelos participantes de referências teóricas (fisiologia das plantas, zootecnia, funcionamento dos solos...)

A introdução de noções teóricas permite aos agricultores entender melhor a causa dos problemas em vez de tentar resolver apenas os sintomas visíveis, é importante para entender as interacções entre as componentes do sistema de produção.

Por exemplo, noções de base sobre a nutrição dos vegetais ajudam a entender que o combate contra as pragas e doenças pode se realizar através de uma melhor gestão da fertilidade. O conhecimento

mais aprofundado do funcionamento dos solos e da relação solo-vegetal permite entender melhor as diferenças entre adubos químicos e fertilizantes orgânicos.

Nessas **formações teóricas**, o papel do técnico é de trazer ao grupo novos conhecimentos teóricos úteis no âmbito do módulo tratado.

Antes da introdução de qualquer conhecimento teórico, o extensionista sempre procura avaliar o grau de conhecimento dos membros do grupo nesta matéria, tentando valorizar no máximo os conhecimentos internos.

Os novos conhecimentos teóricos são apresentados através de vários tipos de **documentos e ferramentas pedagógicas**, por exemplo:

- Documentos escritos e ilustrados distribuídos no fim da sessão quando a população alvo tem uma taxa elevada de alfabetização (foi o caso em Cametá e Santo Antão mas não em Moçambique)
- Cartazes ilustrados que acompanham a explicação, adaptados aos beneficiários não alfabetizados
- Jogos baseados nas noções teóricas a adquirir.



Nesta fase do processo, o técnico não deve trabalhar como um professor. Alguns agricultores do grupo, muitas vezes, têm um conhecimento mesmo empírico, das noções agronómicas de base. É sempre melhor partir dos conhecimentos existentes para aprofundar mais.

É fundamental conhecer a taxa de alfabetização e o nível escolar médio dos beneficiários para adaptar os documentos pedagógicos.



Formação sobre saúde animal com cartazes (Nhamatanda)



Jogo sobre pragas e doenças das culturas (Santo Antão)



Formação em higiene alimentar para produção de queijos (Santo Antão)



Doc pedagógico
criação aves Cameta.



Tabela famílias
botânicas Santo Antã



Jogo categorias
alimentos Santo Antã

A transmissão de conhecimentos ao agricultor também consiste em demonstrar novas práticas no campo. São as **formações práticas**.



Formação prática sobre composto (Nhamatanda)



Formação prática sobre batata doce (Nacala)



Formação prática de fabricação de biopesticidas (Santo Antão)

II.2.3. Viagens de estudo e de intercâmbio

A metodologia FAP tem entre outros como objectivo de tornar os camponeses mais autónomos e inseri-los melhor no seu contexto socioeconómico. Neste sentido, sair da comunidade para conhecer outra realidade e trocar experiências com outros agricultores é sempre muito vantajoso.

As **visitas de estudo** consistem em levar o camponês a recolher (sozinho ou em grupo) informações sobre o seu contexto, e encontrar com outros agentes económicos (vendedores de insumos, compradores de produtos, outros produtores...)

As **visitas de intercâmbio (ou trocas de experiências)** são encontros com camponeses de outras zonas (não sempre muito distantes) que têm uma experiência diferente dos camponeses dos grupos de formação. Através destas visitas, os agricultores ganham novas experiências, ganham confiança e acreditam que a mudança é possível.



Em certos contextos culturais a participação dos produtores nas viagens de estudo pode ser delicada. Foi o caso em Moçambique para as mulheres. Uma sensibilização da população, explicando em todos os detalhes o programa da viagem, e o apoio dos líderes locais ajudam a ultrapassar essas situações.



Visita de estudo sobre forragens (Santo Antão)



Visita aos fornecedores de insumos (Nhamatanda)

Quando uma visita é organizada, cada grupo de formação escolhe um ou dois membros para participarem na visita. Antes da visita, o grupo prepara-se recolhendo as questões de todos os membros do grupo, e depois da visita o membro que participou na visita faz uma restituição detalhada ao resto do grupo.



Preparação visita
troca experiência Nha

II.2.4. Identificação de práticas alternativas pertinentes

Na base do debate sobre as práticas actuais e dos novos conhecimentos teóricos, o grupo **lista as práticas alternativas possíveis, e escolhe as mais pertinentes** para experimentar a pequena escala. A selecção das práticas a experimentar depende sobre tudo:

- Da probabilidade da prática ser uma solução adequada aos problemas enfrentados pelos agricultores
- Da adaptação da prática ao contexto local (por exemplo, se é possível implementar com os meios que os produtores têm, ou que não necessita um material fora do seu alcance...)



O papel do técnico formador é importante para ajudar os agricultores a analisar quais são as práticas pertinentes. Porém, às vezes faz parte da metodologia experimentar técnicas muito inovadoras no contexto, para as quais mesmo o técnico não sabe se pode dar certo ou não. Foi o caso em Cametá onde se experimentou gaiolas para a criação de peixe. Os resultados não foram satisfatórios, mas através deste processo os produtores adquiriram novos métodos para procurar soluções aos seus problemas, que é o objectivo fundamental do processo.

Depois de seleccionar as práticas mais adequadas ao contexto, realiza-se um debate-se sobre as **modalidades de implementação** frisando os aspectos seguintes:

- Quantos membros dos grupos vão fazer a experiência e quem
- Qual será a área ou o número de animais da experiência
- Onde adquirir os insumos e o material necessário

- Que contrato entre o serviço de extensão e os produtores.



Em certos contextos, é importante tratar com detalhe as questões fundiárias para garantir o sucesso das experiências. Em Nacala a Velha e Nhamatanda, no caso das parcelas irrigadas, surgiram conflitos entre o grupo de formação e o dono da terra, este contrariando a sua decisão de disponibilizar o terreno no decurso da experiência.

Os produtores que implementam a experiência se comprometem a fornecer a mão-de-obra ao longo do ciclo de cultura / de criação, e geralmente ficam com os produtos gerados. Eles aceitam as visitas do grupo na parcela / na criação ao longo da experiência, e devem transmitir todas as informações sobre o decorrer da produção e os rendimentos.

Para responsabilizar os agricultores, sobre tudo quando a implementação da experiência, é recomendado estabelecer um **contrato entre o experimentador e a instituição** que realiza a formação.

Mas isto não é obrigatório: no caso de Cabo Verde, não houve nenhum contrato assinado, talvez porque as experiências não envolviam muito recurso fornecido pelo projeto. Para algumas atividades, o grupo participava à instalação da experiência (ex: tratamento de palha com ureia), que depois era gerida por 1 ou 2 pessoas designadas pelo grupo / voluntárias.



Contrato experiência
criação peixes Camet

II.2.5. Implementação das experiências

Depois de debater dentro do grupo sobre as modalidades práticas, as experiências são **implementadas**, geralmente com o apoio do projeto em termos de:

- Fornecimento de insumos e material específico (ou seja material que ainda não existe nas unidades de produção)
- Apoio técnico para implementar a experiência (através do pessoal de campo que acompanha os camponeses escolhidos, na parcela dos quais são implementadas as experiências)

Qualquer aquisição de material ou insumos faz-se idealmente com a participação dos beneficiários, de forma a envolvê-lo mais e tornar eles mais autónomos.

Certas vezes, a experiência permite comparar a prática actual do camponês com a nova prática a experimentar. Concretamente, as parcelas de experiência são divididas em várias partes, e entre as partes varia um único factor (por exemplo, a variedade, ou o tipo de adubo, etc. consoante o objectivo da experiência), todos os outros factores sendo iguais, isto para termos a certeza que as diferenças de rendimentos possam ser atribuídos ao factor experimentado.

No caso de experiências com animais, o procedimento é o mesmo: lote de animais testemunho, e lote de animais no qual se experimenta a nova prática.

Mas esta comparação com as práticas actuais não é uma regra, e outras vezes experimenta-se uma prática sozinha, como é o caso sobre tudo para a introdução de novas produções.



O grau de aporte em insumos e material pela instituição / pelo projeto depende do tipo de experiência e do contexto. Geralmente são fornecidos apenas os insumos e materiais que ainda não são utilizados na unidade de produção. Por exemplo, para uma experiência de compassos numa cultura que já existe, não se fornece nada se não apoio técnico. Mas quando trata-se de experimentar uma cultura nova, tendo em conta o risco ligado a esta nova produção (pode fracassar e não ter rendimento), o projeto traz a semente.

Quando a intervenção é num contexto de insegurança alimentar (como foi o caso em Nacala), a componente de fomento é maior, e pode se estudar por exemplo mecanismos rotativos de fornecimento de animais.

Os **objectivos** da experiência são definidos, e um **protocolo de experiência** é desenhado pela equipa e validado pelo grupo, detalhando todas as modalidades de implementação da experiência.



Protocolo milho agri
conservação Nhamata



A presença do técnico é importante para garantir que o protocolo seja respeitado. Em Nhamatanda, onde muitas experiências foram lançadas no início da época de chuva, as dificuldades de acesso as comunidades dificultou o acompanhamento da implementação das parcelas. Os agricultores não sempre respeitaram os protocolos, por exemplo numa experiência de compassos no milho, eles usaram duas variedades diferentes na parcela, tornando os resultados não aproveitáveis.

Quando for possível, as experiências são identificadas com um **rótulo** indicando a natureza da nova prática experimentada.

As experiências são implementadas nas parcelas individuais das pessoas escolhidas pelo grupo, com a assistência do extensionista, de preferência um dia de encontro do grupo. Desta maneira todos os membros do grupo podem **visualizar e praticar a nova técnica introduzida**.



O grupo pode decidir de realizar a experiência numa parcela colectiva, por exemplo quando há escassez de terrenos adequados nas parcelas individuais (por exemplo zona baixa para as culturas de rega). Neste caso, a gestão da experiência torna-se mais complicada porque os membros do grupo devem se organizar para realizar os amanhos culturais. Certas vezes, isto resulta no fracasso da experiência.

Para facilitar o acompanhamento da experiência, pode se preencher uma **ficha** com as características da parcela / criação de experiência.



Ficha implementação
experiencia Nhamata



Parcela de experiência de hortícolas (Nhamatanda)



Parcela de experiência de batata doce (Nacala)



Preparação de uma parcela de experiência de batata (Santo Antão)

II.2.6. Monitoria e avaliação das experiências

II.2.6.1. Monitoria das experiências

Durante toda a sua duração, as experiências são visitadas pelo grupo de formação, pelo menos uma parcela / criação de experiência em cada encontro do grupo. Isto é para o grupo poder seguir de perto os resultados da nova prática, e comparar com a prática actual **ao longo do ciclo de cultura / de criação**.



Monitoria de uma experiência de amendoim (Nhamatanda)



Monitoria de uma experiência de milho (Nhamatanda)



Pesagem da produção de mandioca numa parcela de experiência (Nacala)



Controle do peso de uma cabra (Santo Antão)

O técnico visita regularmente as experiências e recolhe com o produtor implementador a sua apreciação sobre o decorrer da cultura / da criação. Todos os dados são registados numa **ficha de monitoria / de observações da experiência**.



Ficha obs expe bolo multinutricional Santo



Como utilizar ficha bolo Santo Antão.doc



Ficha monitoria variedades milho Nha



Em alguns casos o agricultor pode preencher a ficha de monitoria da experiência. Mas em muitos casos ele vai precisar da ajuda do técnico (sobre tudo nas zonas com fraca taxa de alfabetização).

Este trabalho de acompanhamento das experiências pelos técnicos requer tempo, por isso é melhor não ter um grande número de experiências do mesmo tipo, para garantir uma monitoria de qualidade e que haja resultados no fim do ciclo de experiência.

Quando trata-se de uma cultura, **a colheita** é realizada na presença do agricultor implementador e se for possível de todo o grupo, para eles constatarem directamente as diferenças de rendimento, aspecto da produção, etc.

II.2.6.2. Avaliação das experiências

No fim dum ciclo de experiências, e depois da recolha e da síntese dos dados da experiência pela equipa, é organizado em todos os grupos um **encontro de balanço das experiências** sobre o tema tratado.

Neste encontro, momento forte do processo pedagógico, os resultados das experiências são apresentados, os agricultores implementadores explicam a sua apreciação da nova prática, e há um debate dentro do grupo sobre o interesse e a adaptabilidade da nova técnica ao contexto local. Debate-se sobre os **resultados quantitativos** (que podem ser medidos: rendimento, tempo de sacha...) e os **resultados qualitativos** (aspecto do produto, sabor...) Muitas vezes podem sair desses encontros novas ideias de experiências a realizar: por exemplo depois de uma experiência sucedida de cultura de batata, o debate abre-se a questão de conservação da batata, que pode ser o ponto de partida para outro ciclo de experiência.

Esses encontros de avaliação também podem ser uma ocasião para convidar os líderes locais, e os camponeses da comunidade que não são membros do grupo, para divulgar os resultados.



Apresentação de resultados - bolos multinutricionais (Santo Antão)



— Avaliação de experiências - variedades de milho (Nhamatanda)

Os encontros de balanço de experiências são cuidadosamente preparados pela equipa, que faz o tratamento dos dados colhidos no terreno (por exemplo cálculo do rendimento médio). Podem utilizar uma ficha de inquérito para facilitar a recolha dos dados.



Ficha inquérito
experiência bolos Sar



Resultados expe
bolos Santo Antão.xls



Resultados expe
campanha 2007-08 N

Depois de realizar o balanço das experiências com todos os grupos, a equipa elabora uma **síntese dos resultados das experiências**, que pode servir de base a documentos de difusão alargada das novas práticas.



avaliação
experiencias Cameta.



Avaliação expe bolos
Santo Antão.doc



Balanço expe milho
2006-07 Nhamatanda



Síntese balanço expe
rega Nhamatanda.do

Nas experiências que usaram material específico, consoante os resultados obtidos, o grupo pode querer manter com o material, para continuar a produzir as campanhas seguintes. Neste caso através de uma concertação / negociação, os termos da entrega do material são definidos e um convénio é elaborado.

II.2.7. Cerimónia final e entrega de certificados de participação

Geralmente, o fim da formação é marcado pela realização de uma **festa, ou cerimónia**, na qual os participantes assíduos na formação recebem um certificado de participação; ou diploma.

Este evento é importante para os beneficiários, porque muitas vezes trata-se do primeiro diploma da sua vida, e permite valorizar as suas capacidades e dar-lhes mais auto-confiança.

Também é importante para comunicar sobre o processo de formação e as novas práticas experimentadas com sucesso pelos grupos. Por isso geralmente são convidadas as autoridades locais, representantes das instituições, etc.



Diploma e medalha
formados Santo Antã



Certificado
participação Nacala.d

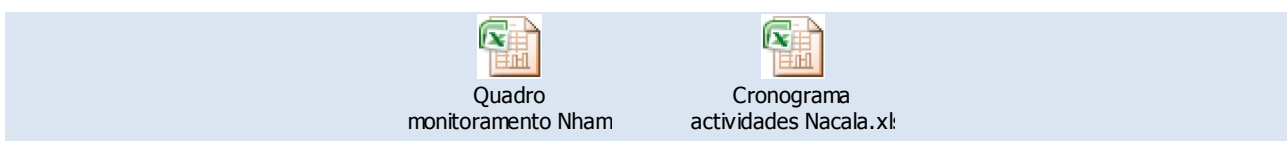
II.3. Monitoria e avaliação do processo

II.3.1. Monitoria das atividades

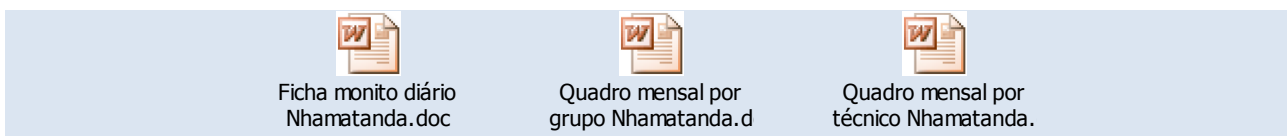
A monitoria das atividades consiste em medir o volume e o grau de avanço das atividades (em relação a um plano operacional previsto) através de indicadores geralmente quantitativos.

No caso do processo de formação e experimentação, os **indicadores quantitativos** podem ser por exemplo: número de encontros de formações realizados, taxa de participação nos encontros, número de parcelas de experiência implementadas, etc.

Depois de definir os indicadores pertinentes para o programa de formação, a equipa elabora uma tabela de monitoria que se preenche mensalmente, e permite conhecer o avanço das atividades em cada grupo de formação, um cronograma previsto das atividades.



Geralmente elabora-se vários tipos de ferramentas para ajudar os técnicos de campo a recolher a informação no terreno. São tabelas que se preenchem a cada encontro, ou a cada semana, ou a cada mês.



A análise periódica dos indicadores de monitoria ajuda a adaptar o ritmo, o conteúdo e os métodos do programa de formação para conseguir realizar as atividades no tempo previsto, com a maior adesão possível dos beneficiários, de forma a garantir o sucesso do processo de formação e experimentação.



Depois de algumas semanas ou meses de formação, sempre existe desistência nos grupos. Este fenómeno é normal, porque uma parte dos agricultores, apesar da informação realizada, pensam que poderão ter um benefício material e rápido. Mas a evolução da desistência deve ser observada atentamente: se for muito elevada (mais de 30%) ou se as desistências se prolongam demais (mais de 6 meses), talvez a formação não responde às necessidades dos produtores.

II.3.2. Avaliação dos resultados

A avaliação consiste em recolher e analisar dados com vista a observar se os resultados do projeto foram atingidos ou não.

Define-se vários **níveis de resultados** de forma a poder avaliar passo a passo a cadeia de causas e consequências que conduzem ao impacto esperado.

A observação e medição dos níveis mais altos vão permitir saber se atingimos ou não os objectivos do projeto, enquanto a análise dos diferentes níveis vai permitir entender porque os resultados esperados são atingidos ou não e detectar onde estão os problemas (se o problema esta na concepção do projeto ou na sua execução etc.)

Tendo em conta os objectivos do processo de formação participativa, a avaliação pode se fazer a seis níveis:

1 ^o nível	O aumento de competências dos camponeses	Competências teóricas: “O agricultor sabe...”
		Competências práticas: “O agricultor sabe fazer...”
		Auto-estima e cidadania: “O agricultor sabe ser...”
2 ^o nível	As mudanças de práticas (aplicação dos conhecimentos)	“O agricultor faz...”
3 ^o nível	As mudanças nos resultados técnicos	“O agricultor teve mais produção, melhores rendimentos...” “O agricultor tem um sistema de produção mais diversificado, mais sustentável...”
4 ^o nível	As mudanças nos resultados económicos	“O agricultor teve mais renda monetária”
5 ^o nível	A melhoria da qualidade de vida	“O agricultor melhorou as suas condições de vida”
6 ^o nível	As mudanças de comportamento	“O agricultor aumentou a sua confiança em si e a sua capacidade de proposta e iniciativa”

Quando verificamos que um resultado não é atingido, a análise de todos os níveis inferiores vai permitir entender onde está a causa do problema. Por exemplo se o objectivo era aumentar a renda pela introdução da apicultura e que constatamos que depois de 2 ou 3 anos que não há aumento de renda, a análise cuidadosa de todos os níveis vai permitir entender se:

- A formação foi muito teórica e a maioria dos produtores não sabem fazer revisão de colmeias
- A impossibilidade de encontrar material de apicultura, ou o medo das abelhas fez com que muito poucos produtores fizeram apicultura
- A floração é baixa, e ao mesmo tempo que se multiplicou o número de colmeias, a produção de cada uma diminuiu
- O preço do mel era alto porque tinha muito pouco mel no município, mas com aumento da produção o preço caiu.

II.3.2.1. Avaliação do aumento de competências

Os agricultores adquirem uma série de novos conhecimentos através da formação participativa. Para medir o aumento de conhecimentos, pode se realizar **testes de conhecimentos**, idealmente antes e depois da realização da formação.



avaliação final dos conhecimentos Caméi



Teste final conhecimentos ilhas C



Teste avaliação nutrição animal Santo

Os testes permitem verificar a qualidade da formação em si (aspecto **pedagógico**) e permite detectar problemas como, por exemplo:

- A formação é complicada demais e não é adaptada ao nível de escolaridade do público

- As técnicas pedagógicas não são adaptadas ao público (por exemplo, usam-se muitos elementos escritos para um público analfabeto, muita teoria e pouca prática etc.).
- A formação não é adaptada ao tipo de competência (saber, saber fazer ou ser) que queremos que os agricultores adquiram: por exemplo, formação teórica para uma competência manual (ligada ao saber fazer), ou formação muito técnica e prática para uma competência que requer uma mudança de postura (ligada ao ser) etc.

É ideal ter uma avaliação dos conhecimentos antes das formações. Mas às vezes, é difícil fazer esta avaliação prévia na forma de um teste: pode ser mais fácil fazer um resumo do nível de conhecimento do grupo antes da formação e tentar quantificar a grosso (por exemplo: 90% do grupo pensa que a mamite é provocada por uma lagartixa que mordeu o ubre).



A realização de testes de conhecimento é bastante complicada com um público não alfabetizado. Neste caso só podem ser feitos oral e individualmente.

Em Santo Antão, os testes escritos eram feitos geralmente por “binómios” para reduzir o stress ligado ao exame, e melhor envolver as pessoas não alfabetizadas.

II.3.2.2. Avaliação das mudanças de práticas

A adopção de novas práticas faz-se através de **inquéritos antes e depois** da realização da formação na sua totalidade ou de um módulo de formação.

Pode se usar vários tipos de inquéritos:

- Inquérito completo da unidade de produção (práticas e resultados técnico-económicos) – o guião pode ser o mesmo que para o diagnóstico inicial dos sistemas de produção (ver II.1.1)
- Inquérito mais rápido sobre as práticas (perguntas fechadas e observações no terreno) – por exemplo: usou o compasso 60 x 90 cm no milho?

Compila-se a informação numa tabela para realizar um tratamento estatístico.



Metodologia
avaliação Nhamatand



Adoção tk expe
06-07 Nhamatanda.x



Inquérito adoção tk
grupos Nacala.xls

Esta avaliação permite verificar que o conteúdo da formação é adaptado as reais possibilidades dos agricultores e permite detectar problemas como:

- Os agricultores aprenderam e entenderam a proposta, mas não aplicam porque acham que não vai dar certo, que não vale à pena etc.
- Os agricultores aprenderam e entenderam a proposta, (são até capaz de bem explicar na teoria) mas não querem aplicar porque está contra a sua tradição cultural, alimentar etc.
- Os agricultores entenderam muito bem uma proposta técnica, mas não podem a aplicar no campo porque não tem acesso aos insumos necessários, porque não tem dinheiro para comprar, ou porque não tem mão de obra suficiente.

II.3.2.3. Avaliação das mudanças de resultados técnicos e económicos

A avaliação dos resultados técnicos e económicos geralmente faz-se juntamente, e através de **inquéritos antes e depois** da realização da formação.

Usam-se inquéritos completos da unidade de produção ou centrados numa atividade agro-pecuária – o guião pode ser o mesmo que para o diagnóstico inicial dos sistemas de produção (ver II.1.1).



Guia entrevista
avaliação final Nhamá



Análise avaliação
final Nhamatanda.xls

Em relação aos **resultados técnicos**, procuramos verificar que as técnicas ensinadas são boas de um ponto de vista agronómico, são adaptadas ao tipo de solo, clima, etc.

Essa vez não é a vontade ou a possibilidade de aplicar uma nova técnica por parte do agricultor que esta em jogo, mas a eficiência mesma da técnica. Esse nível depende também de elementos (seca, ataque de uma doença) que não são previsíveis pelo agricultor nem pelo projeto.

Assim esse nível permite detectar problemas como:

- A técnica que foi usada funcionou bem a nível experimental, mas não deu resultados a grande escala porque requer muito trabalho
- A técnica usada era adaptada aos solos de uma parte do município mas não deu resultados numa outra parte
- As sementes que foram usadas pelos agricultores no eram de boa qualidade etc.

Em relação aos **resultados económicos**, vamos observar se o aumento de produção gera realmente um aumento de renda. Este nível permite detectar problemas como:

- Os problemas de transporte impedem a comercialização dos produtos
- Foi implantado uma nova produção mas não tem mercado nem sistema de comercialização para esse novo produto
- O mercado ou o sistema de comercialização não foi capaz de absorver o aumento de produção
- O aumento de produção provocou uma queda dos preços e ao final o agricultor tem mais produtos mas menos dinheiro
- A maior parte da produção é auto consumida e o aumento de produção permitiu melhorar a alimentação mas não a renda
- Outra possibilidade: não há aumento das receitas, mas diminuição das despesas de produção (substituição de insumos comprados por insumos autoproduzidos mais baratos, por exemplo biopesticidas), o que afinal se traduz por um aumento do rendimento ligado à atividade.



De notar que os inquéritos técnico-económicos são geralmente bastante complicados a realizar, devido à complexidade dos sistemas de produção camponeses, e da sua inserção com outras atividades não agrícolas.

II.3.2.4. Avaliação da melhoria da qualidade de vida

Este nível é difícil de avaliar porque é difícil encontrar os indicadores objectivamente verificáveis para medir a qualidade de vida, e ter a certeza que a melhoria é imputável ao programa de formação. Em Nhamatanda, alguns indicadores que pareceram pertinentes foram: a segurança alimentar familiar (“não há época de fome em casa”), a melhoria da habitação (compra de chapas de zinco para cobrir a casa...)

O acompanhamento desses indicadores permite também detectar alguns "efeitos perversos" do projeto como:

- O aumento da renda monetária gerou novos hábitos de consumo e fez com que as pessoas ficaram mais dependentes de alguns produtos
- O aumento de renda gerou mais conflito na comunidade
- O aumento de renda gerou novos hábitos que provocaram problemas de saúde

- O aumento de renda não provocou nenhuma melhoria nas condições de vida porque existem outros problemas mais importantes (saúde, conflitos) que não se resolvem com dinheiro.

Não esquecer que além do rendimento agro-pecuário, o agricultor pode também ter fontes de rendimentos não agrícolas ou de remessas de familiares expatriados (o caso é frequente em Cabo Verde), difíceis de avaliar. A melhoria da qualidade de vida pode ser ligada a estas fontes de rendimentos, e não à atividade agrícola...



A avaliação dos resultados é um exercício delicado e que pode ocupar muito tempo da equipa, através de inquéritos muito longos. É importante recolher informações fiáveis através de um número limitado de indicadores baseados nos grandes objectivos do programa, e não se espalhar querendo avaliar todas as mudanças nos sistemas de produção e nos resultados económicos.

III. RESULTADOS OBTIDOS COM A METODOLOGIA FAP

A metodologia FAP foi aplicada em 4 contextos (Brasil, Cabo Verde, Moçambique) durante 3 a 4 anos com resultados muito positivos especialmente na melhoria dos sistemas de produção mas também com limitações, especialmente no que diz respeito a perenidade do dispositivo de formação.

III.1. Resultados em relação as mudanças nas técnicas e nos sistemas de produção agro pecuário.

Um ponto forte da metodologia FAP foi sem duvida a elevada taxa de adoção das inovações e de integração de novas técnicas nos sistemas de produção.

O aspecto participativo da metodologia, o fato dos agricultores experimentarem eles mesmo as novas técnicas faz com que, se estão realmente adaptadas à situação dos agricultores, as técnicas são facilmente adotadas. Ao contrário dos métodos clássicos de extensão (top-down), nunca se escuta nessa metodologia os técnicos ou responsáveis de projeto dizer que " a técnica proposta é boa mas que os agricultores não a adotam por razões culturais, o porque são resistentes a mudança etc.." Nessa metodologia, todos são conscientes que se uma técnica não é adotada, não é por culpa do agricultor mas porque a técnica não é bem adaptada à situação de cada tipo de agricultor.

Os resultados nesse âmbito foram em certos casos bastante espetaculares (algumas práticas foram adotadas por 100 % dos formados). Em todas as zonas, se observou que mais de 80% dos agricultores participantes tinham adotados pelo menos uma inovação oriunda da formação (mudança de técnica ou introdução de uma nova produção).

Entretanto, um elemento importante e que, às vezes, decepciona os observadores e financiadores é que **durante o primeiro ano e muitas vezes boa parte do segundo, os resultados são apenas visíveis a pequena escala, nas parcelas de experimentação. Os resultados aparecem realmente a maior escala, nos campos de produção dos agricultores, somente no terceiro ano.**

Os resultados são variáveis em função do tipo de inovação experimentada e a tabela da página seguinte apresenta e analisa alguns indicadores de resultados mais marcantes em cada zona.

É notável que os melhores resultados são obtidos quando a nova prática experimentada responde a uma prioridade para os agricultores, quando é possível realizar com recursos fáceis de obter localmente, e quando as condições socioeconômicas são reunidas (por exemplo, existência de organizações de produtores, de mercados...)

Assim, as novas práticas experimentadas podem não ser aplicadas e adotadas por várias razões:

- A nova prática não é tecnicamente viável: é o caso das gaiolas para criação de peixes em Cameté. Porém, foi valioso experimentar esta prática porque permitiu os criadores apropriar-se uma metodologia de pesquisa e resolução de problemas;
- A relação custo / benefício (incluindo custo em trabalho) não é interessante (adubação orgânica da mandioca o vacinação das aves em Cameta)
- Os recursos não são disponíveis para aplicar a nova prática: é o caso do tratamento de bagaço de cana com ureia em Santo Antão;
- A técnica não é rentável nas condições locais, como o tratamento da palha com ureia em Santo Antão;
- Não existe mercado suficiente (carne de porco cortada em Santo Antão);
- Não há coesão e organização suficiente entre os produtores (caso da comercialização e do processamento em Nhamatanda).

Em todo caso, a realização de experiências que não resultam numa adoção massiva nunca é um fracasso do ponto de vista pedagógico: através do processo de pesquisa participativa, o agricultor sempre sai com mais conhecimentos e auto-confiança.

Zona	Melhores resultados	Resultados mais fracos
BRASIL Estado do Pará Município de Cametá 2000 - 2004	<p>Solução encontrada ao problema da “peca do açaí”: aumentar o sombreamento das parcelas (a maioria dos agricultores reflorestou as suas parcelas). No fim do projeto 75% dos agricultores formados aplicam a gestão dos açaí nativos, incluindo a conservação a plantação de árvores para garantir o nível ideal de sombreamento.</p> <p>Solução encontrada a “folha frisada” da pimenta do reino, ligada a um problema de malnutrição. A cultura da pimenta não era mais rentável por causa do uso massivo de pesticidas e fertilizantes químicos e a queda dos preços de venda. No fim do projeto, 30% dos produtores tinham abandonado o uso de pesticidas e fertilizantes químicos e tinham implementado um sistema agro florestal e a fertilização orgânica.</p> <p>Diversificação : o numero de exploração que tinham menos de 3 produções passou de 70 % a 12% enquanto as que tinham mais de 5 passou de 5% a 30%</p> <p>88% dos agricultores formados adotaram pelo menos uma inovação (diversificação do seu sistema de produção ou mudança do itinerário cultural duma cultura existente)</p>	<p>Gaiola para criar peixe no rio. Foi uma experiência perdida pelos agricultores e os resultados foram decepcionantes : perda de muitos peixes por fuga e mortalidade, a ração distribuída é levada pela corrente.</p> <p>Adubação orgânica da mandioca com composto ou incorporação de restos de cultura. A experimentação mostrou melhoria de produtividade mas os agricultores avaliaram que o trabalho adicional não é compensado a curto prazo pelo aumento de produtividade, especialmente nas zonas sem problema de acesso a terra onde era possível aumentar o tamanho das parcelas em lugar de aumentar a produtividade.</p> <p>Vacinação das aves de coral contra doença de newcastle : a experimentação teve resultados positivos mas a incidência dessa doença não era suficiente para justificar a organização de campanhas de vacinação com grandes dificuldades logística.</p>
CABO VERDE Ilha de Santo Antão Concelho do Porto Novo 2006-2010	<p>Bolos multinutricionais para criação de cabras. Constitui um método eficaz de complemento alimentar na época seca, com impactos positivos a curto prazo tanto a nível do aspecto e do vigor dos animais como a nível das performances zootécnicas. A facilidade do processo de fabricação e o custo reduzido reforçam a pertinência desta alternativa.</p> <p>Biopesticidas foram mais eficazes, e mais baratos em comparações com o uso de pesticidas químicos no mesmo tipo de cultura..</p> <p>Calda sulfocálcica (contra oídio) muito eficaz para a cenoura: houve utilização espontânea para combater algumas pragas, com sucesso. Adotado por 30% dos agricultores e um grupo iniciou a produção de calda sulfocálcica para vendê-la aos outros agricultores (a atividade ainda continua).</p> <p>Uso de biofertilizante = Aumento da produtividade em batata inglesa ou repolho por exemplo, melhoria da qualidade (os produtos conservam-se muito mais tempo do que os cultivados com adubos químicos)</p> <p>Transformação dos produtos e de frutas seca :</p> <p>Ao fim do projeto, 180 produtores, sobre 350 que participaram da formação, praticam uma nova atividade de transformação agro alimentar :fruta seca: 100 ; mote de chá :54; suco concentrado de frutas 24; pimenta rosa 12.</p> <p>Tratamento da mamite de cabras com plantas foram experimentadas com muito sucesso por criadores.</p>	<p>Tratamento de bagaço de cana com ureia:</p> <p>Ninguém experimentou depois das formações</p> <p>↳ Razão principal: falta de disponibilidade em bagaço. Os trapiches – moinhos p/ cana – pertencem a grandes proprietários, que guardam o bagaço para o seu uso (alimentação de gado, combustível)</p> <p>Tratamento de palha seca com ureia:</p> <p>Resultados técnicos avaliados pelos criadores como muito bons, mas depois das experimentações, ninguém continuou</p> <p>↳ Principais razões: 1) Necessidade de juntar bastante palha de uma só vez (300 kg) é custoso em tempo ou dinheiro; 2) Necessita bastante trabalho no 1º dia, necessitando juntar várias pessoas (mentalidade bastante individualista); 3) Custo do investimento inicial para construir o silo</p> <p>Abate e corte de porco:</p> <p>Grande interesse da parte dos grupos que participaram na formação teórica e prática, mas poucos criadores utilizaram algumas das técnicas de abate e corte depois quando matam animais</p> <p>↳ Razões: falta de mercado valorizando carne bem cortada com bom preço; falta de embalagem para apresentar a carne cortada; isolamento dos criadores / cidades; falta de local adequado para cortar a carne com condições de higiene adequadas</p>

<p>MOÇAMBIQUE Província de Sofala Distrito de Nhamatanda 2006-2009</p>	<p>A queimada dos restos de cultura como modo de preparação da parcela foi abandonada pela totalidade dos beneficiários da formação e por uma parte significativa dos outros agricultores da comunidade. Foi substituída pela incorporação dos restos no solo, que favorece a fertilidade do solo a longo prazo. Usado por 87% dos camponeses contra 17% no início do projeto.</p> <p>Introdução e desenvolvimento a grande escala da produção de hortícolas: em volta de 500 agricultores praticam no fim do projeto, em quanto eram uma dezena no início.</p> <p>Mudanças no itinerário cultural do milho:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Adoção massiva das variedades de ciclo curto, adaptadas as mudanças climáticas, por 100% dos beneficiários da formação e 60% dos outros agricultores da comunidade - Aumento das densidades de milho por 90% dos agricultores formados, provocando um aumento dos rendimentos de 30% <p>Diversificação dos sistemas de produção:</p> <p>68% dos beneficiários da formação introduziram pelo menos 2 novas culturas, principalmente culturas irrigadas (hortícolas, batata rena), e as leguminosas, e 94% introduziram pelo menos uma nova criação (sobre tudo galinhas zambianas)</p>	<p>Cobertura permanente do solo com palha (culturas de sequeiro): A cobertura foi destruída pelas queimadas descontroladas de alguns agricultores (fora dos grupos) que continuam queimando as parcelas.</p> <p>Melhoramento das raças de galinhas: Os galos introduzidos não se adaptaram as condições locais (calor, alimentação), houve muita mortalidade.</p> <p>Melhoria dos sistemas de comercialização: Apesar da formação e dos contactos entre os produtores e os compradores, não se atingiu resultados significativos, entre outros por causa da falta de organização entre os produtores, e do fraco domínio desta matéria pelos animadores.</p> <p>Processamento dos produtos: O processamento caseiro dos produtos (secagem de hortícolas, fabricação de manteiga de amendoim) ficou a escala muito reduzida e limitada ao consumo da família. As causas são semelhantes as do ponto anterior.</p>
<p>MOÇAMBIQUE Província de Nampula Distrito de Nacala a Velha 2007-2010</p>	<p>Culturas irrigadas (horticultura e/ou batata doce): No fim do projeto 72% das pessoas praticam horticultura contra 10% ao início.</p> <p>Uso de variedade de Mandioca resistente a CBSD (“cassava brown streak disease”, doença da podridão radicular da mandioca): No fim do projeto 81% das mulheres entrevistadas possuem variedades novas resistentes a CBSD.</p> <p>Uso das técnicas de cobertura com palha (mulching) No fim do projeto 67% das senhoras entrevistadas usam o mulching especialmente na horticultura.</p>	<p>Uso de semente melhorada de milho As experiências demonstraram que a produtividade é boa se tiver uma boa pluviometria mas que, nessa zona marcada por frequente secas, o risco climático é elevado demais para ariscar gastar dinheiro em compra de semente.</p> <p>Bancos de semente : o sistema de banco de semente foi experimentado mas não funcionou devido a dois anos consecutivos de baixa pluviometria e perda de produção.</p>

Exemplo de resultados sobre mudança de práticas agrícolas



efeitos das
formações nas propri

III.2. Efeitos sobre a renda agro pecuária, e o nível de vida . Relação custo benefício da metodologia FAP.

Como já sublinhado, o fato das inovações serem experimentadas e avaliadas pelos agricultores faz com que, normalmente, somente são adotadas as técnicas que trazem um real benefício (técnico e econômico) para o agricultor.

A alta taxa de adoção das inovações aliado ao resultados positivos observados nas parcelas experimentais, assim como os comentários dos agricultores e as observações dos avaliadores externos permitem afirmar que nos quatro contextos a aplicação da metodologia FAP trouxe melhoria importante na produção, na alimentação e/ou na renda dos agricultores.

Entretanto a medição dos resultados econômicos é muito delicada no meio agrícola tradicional. Nenhum projeto da ESSOR usando o método FAP conseguiu medir com precisão e segurança as rendas iniciais e final dos produtores mas as avaliações apresentam resultados coerentes.

Nessas avaliações, o **aumento de renda anual está estimado entre 200 e 400 € por produtor. Os custos de implementação da metodologia FAP variam de 600 a 1200 euro por produtor** (com uma média de 40 dias de formação o custo é de 15 a 30 € /dia/produtor).

Apesar de uma certa margem de erro devido à imprecisão nas medições dos aumentos de renda, esses números mostram que o **custo da formação está compensado em 3 ou 4 anos pelo aumento de produção.**

	Modos de avaliação e resultados econômicos avaliados	Custo aproximativo (porque incluído num programa mais amplo) do programa de formação.
Brasil Cameta.	O cálculo foi feito considerando o aumento de produção e de renda ligado a cada inovação e a % de produtores que adotaram cada inovação. O resultado foi : - um aumento de 1 200 000 reais (400 000 euros) por ano para os 1000 produtores que participaram na formação (sem contar os efeitos indiretos nos outros agricultores. - Então um aumento de renda 1200 reais (400 euros) por produtor e por ano o que corresponde a um aumento médio de 37% da renda agro pecuária	600 000 € em 4 anos para formar 1000 produtores (2 vezes 500) 600 € /produtor 15 € por dia de formação por produtor
Cabo Verde Porto Novo	A pluviometria é tão irregular que não foi possível comparar renda agrícola de vários anos mas a avaliação externa notou : - Redução das despesas de produção por uso de biopesticidas ; tratamento alternativo da mamite : custo de 1€ em vez de 30 a 40€ por animal doente - Redução das perdas de capital : Conservação de sementes de milho e de batata para sementeira; Salvamento dos animais com melhor alimentação; - Aumento das produções : Carne e leite (com melhor alimentação : bolos, pó mineral...) - Novas atividades de transformação com rendimento de 150 € por produtor por ano (180 produtores).	450 000 euro em 3 anos para formar 350 produtores 1200 € por produtor 30€ por produtor por dia de formação
Moçambique Sofala	Nesse projeto não foi possível medir com precisão os resultados econômicos mas uma pesquisa em 220 agricultores participantes et 140 não participantes mostrou o seguinte : 94% dos agricultores aumentaram o numero de animais criados Os rendimento do milho (principal produção da região) aumentou de 21% em media em todos os agricultores. A renda monetária media anual dos agricultores que participaram da formação é de 56000 meticais (1600€) quando a dos que não participaram é de 42000 meticais (1200€). 100% das famílias beneficiarias da formação afirmam que não conhecem mais período de fome, 74 % que comem mais legumes e 77 % mais carne. 39% das famílias beneficiarias da formação melhoraram sua casa,	450 000 euro em 3 anos para formar 500 produtores 900 € por produtor 22 € por produtor por dia de formação

	61% melhorou os equipamentos das casa e 26% compraram uma bicicleta.	
Moçambique Nacala a Velha	Nesse projeto também não foi possível medir com precisão os resultados econômicos mas uma pesquisa em 223 agricultores participantes mostrou o seguinte : Os rendimentos da mandioca, principal cultivo e fonte de alimentação passaram de 350Kg/ha (devido a doença da podridão radicular) à 4000 Kg/ha (ate 7000 nas parcelas experimentais). Os rendimentos aumentaram também no feijão (220 a 350 Kg/há) e na amendoim (200 à 300 Kg/ha) - A horticultura, é praticada por 72 % das famílias com rendimento médio de 100 € por ano. Os períodos de fome que afetavam 100% das famílias participantes na ormação declaram no fim do projet que não conhecem mais período de fome	300 000 € em 3 anos para formar 350 agricultoras 850 € por produtor 21€ por produtor por dia de formação

Exemplo de calculo do aumento de renda



Cameta Avaliação
dos aumentos de renda

III.3. Efeitos sobre o comportamento do agricultores.

O fato dos agricultores participarem ativamente na identificação e experimentação de inovações contribui a desenvolver a curiosidade e a vontade de sempre experimentar novas coisas. As visitas, e trocas de experiências também incentivam os agricultores a sair das suas aldeias para buscar novas idéias. Muitas vezes se falou de aparição de um novo tipo de agricultor : o agricultor pesquisador.

Esses efeitos foram sublinhados por todas as avaliações externas realizadas nos projetos.

No projeto de Cameta, a Socióloga Dra Maria da Conceição D'Incao indica :

" dentro dos efeitos das diferentes ações do programa sobre o processo de desenvolvimento dos produtores familiares rurais nelas envolvidos :

- *qualificação e intensificação da demanda dos produtores por assistência técnica.*
- *construção, entre os produtores, de uma atitude experimental orientada para o desenvolvimento tecnológico de suas práticas de cultivo.*
- *intensificação do diálogo técnico entre os produtores e entre eles e os técnicos."*

Sobre o projeto de Cabo Verde os consultores Paul Hibon e Antonio Neves escreveram :

Um dos aspectos mais positivos do programa foi o de ter proporcionado a um grande número de beneficiários o gosto e a capacidade de procurar informações, experimentar e inovar em permanência. Esta mudança de atitude teve consequências sobre a produtividade agrícola, mas também sobre a auto-confiança e autonomia dos agricultores e criadores.

IV. LIMITES E PERSPECTIVAS EM RELAÇÃO A SUSTENTABILIDADE DO DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO E AMPLIAÇÃO DOS RESULTADOS AOS OUTROS AGRICULTORES DA REGIÃO.

Em todos os projetos onde foi usada, a metodologia FAP trouxe resultados muito positivos e duráveis para os agricultores que participaram nos grupos de formação (350 a 1000).

Entretanto, todos os projetos encontraram dificuldades para perenizar o dispositivo de formação e estender os benefícios a outros agricultores e assim ampliar o impacto do projeto na região.

Apresentamos aqui vários mecanismos que foram usados para difundir as inovações técnicas dentro das comunidades e para tentar manter a dinâmica criada pelo método FAP.

IV.1. Divulgar as inovações técnicas com vários suportes de comunicação

Um dos limites da metodologia FAP é que os benefícios ficam muitas vezes com os produtores dos grupos de formação, e não se difundem além dos grupos dentro da comunidade.

Vários meios de comunicação, foram usados para divulgar no seio da população local os resultados das experiências:

- Fichas técnicas, cartazes, e até manuais técnicos.



Ficha técnica
fertilidade Nhamatanda



Desdobrável bolo
multinutricional Santo

- Dias de campo para mostrar e explicar as novas práticas aos agricultores da comunidade (e das comunidades vizinhas)



Dia de campo sobre agricultura de conservação (Nhamatanda)



Dia de campo (Nacala)

- Emissões de rádio, de preferência nas rádios comunitárias, em língua local.

Para um maior sucesso, é útil combinar vários meios, e usar os meios mais pertinentes consoante a zona.

A mensagem deve ser breve mas concreta, e mostrar claramente as vantagens mas também as desvantagens da nova prática em relação as práticas actuais, para ajudar os agricultores na tomada de decisão, e não impor um único ponto de vista.

Esses meios de comunicação sendo sintéticos e dirigidos para um público vasto, muitas vezes apresentam as práticas mais sucedidas sem entrar em toda a complexidade do diagnóstico e dos debates que levaram a identificar e experimentar tal prática. Assim esses suportes permitem divulgar novas técnicas fora dos grupos de formação mas sem transmitir o espírito da FAP e então sem incentivar os agricultores a serem pesquisadores.

IV.2. Prolongar as FAP através dos promotores agro-pecuários

O mecanismo mais usado pela ESSOR para difundir os novos conhecimentos e as novas práticas, e mais que tudo para perenizar o espírito da FAP foi a formação de "promotores agro pecuário" (também chamados chamados de líderes técnicos, monitores, multiplicadores, etc.).

Os promotores são pessoas das comunidades que mostram interesse e capacidades para colaborar com os outros agricultores e que receberão uma formação adicional por parte do projeto. Pode haver vários tipos de promotores com um grau de especialização variável: promotores pecuários, promotores agrícolas, promotores de hortícolas, promotores de comercialização, promotores de apicultura...

Essas pessoas são membros ativos dos grupos de formação, que aderiram ao espírito de pesquisa, aumentaram os seus conhecimentos, e adotaram novas práticas através da formação participativa. Os promotores são geralmente escolhidos pela comunidade conjuntamente com os formadores na base de critérios como: assiduidade na formação, adoção de novas técnicas, motivação a prestar serviço à comunidade, confiança da população com eles.

O promotor recebe uma **formação complementar**, mais aprofundada que a formação realizada nos grupos, baseada nas principais problemáticas locais. Os promotores junto com os formadores podem elaborar algumas ferramentas (tabelas, etc.) para lhes ajudar a realizar e monitorar as suas atividades. Eles mostram aos outros agricultores da comunidade que é possível desenvolver sozinho na sua exploração agrícola, experiências a pequena escala, ou seja ser agricultor pesquisador.

As **missões e as tarefas** dos promotores variam em função das expectativas da comunidade, das necessidades locais, e do tempo disponível para lhes treinar.

No mínimo, o promotor aplica na sua unidade de produção várias inovações experimentadas com sucesso no âmbito da formação, e está disponível para receber, na sua exploração agro-pecuária, pessoas da comunidade e transmitir informações técnicas.

O promotor pode organizar dias de campo para experimentar novas técnicas com outros agricultores: por exemplo no Brasil, os promotores usavam os tradicionais mutirão (dias de ajuda mútua) para realizar coletivamente novas experimentações.

Pode também prestar alguns serviços para os membros da comunidade, como a vacinação das galinhas, os tratamentos fitossanitários, etc.

O promotor pode ter um papel mais importante em termo de representação dos produtores frente aos poderes públicos e outras instituições de apoio à agricultura. Pode facilitar a comunicação entre a comunidade rural e os diferentes serviços públicos e privados (ONGs, comerciantes, empresas...) que intervêm na agricultura. Ele pode levar as preocupações dos camponeses para os outros atores, e trazer novas informações.



Promotores em cameta.doc



Promotores pecuarios Nhamatancagri Nhamatanda.doc



Curso promotores



Ficha promotoras pecuarias Nacala.doc



Promotor pecuário na vacinação das galinhas (Nhamatanda)



Camisete para promotoras (Nacala)



Promotora pecuária reunida com líderes locais (Nacala)



Formação de líderes técnicos em castração de porcos (Santo Antão)



É fundamental que os promotores sejam conhecidos e reconhecidos pela comunidade (e não só pelos membros dos grupos de formação), caso não, não poderão exercer as suas atividades no seio da comunidade. Em Nhamatanda a apresentação oficial dos promotores a comunidade atrasou, o que dificultou o seu trabalho porque não havia confiança por parte do resto da população, fora dos grupos de formação.

A sustentabilidade de uma rede de promotores é delicada, e necessita a retribuição do tempo passado a prestar serviços e conselhos a população.

O sistema dos promotores foi implementado nas 4 zonas apresentadas neste documento, mas sempre foi difícil tornar sustentável a sua atividade. A principal dificuldade é a falta de compensação / retribuição pelo tempo passado a transmitir conhecimentos aos outros agricultores. As redes de promotores pecuários, que realizam campanhas de vacinação junto com os serviços do ministério, mantêm-se melhor que as redes de promotores agrícolas porque podem cobrar um pequeno valor para o serviço de vacinação.

No Brasil e Cabo Verde os promotores criaram uma rede bastante ativa mas sempre dependendo do apoio da ONG local para reunir-se, organizar novas formações etc.. .

Em Nhamatanda está a se estudar junto com as autoridades locais a estruturação dos promotores em associação e a sua maior ligação com a rede pública de extensão, de forma a aumentar a sua legitimidade e encontrar novas formas de incentivo.

IV.3. Transformar os grupos de formação em grupos de produção para manter o espírito coletivo de pesquisa e troca de idéias.

A metodologia FAP cria uma dinâmica de grupo, baseada na análise conjunta de problemas agrários e na procura de soluções através de debates e trocas de idéias. Apesar de não ser um objetivo da FAP, a participação nos grupos de formação, muitas vezes reforça as relações entre os agricultores e lhes dá vontade de continuar a trabalhar juntos em grupos de produção.

Em Cabo Verde alguns GRAFE deram nascimento a pequenos grupos de transformação agro alimentar que produzem e continuam a experimentar algumas inovações. Criaram também uma associação dos GRAFE (AGRAFE), mas que necessitou de um apoio depois do projecto para poder organizar os seus encontros mensais (despesas de transporte principalmente) e reforçar as suas capacidades, entre outras em elaboração de projecto, até conseguirem o financiamento de um primeiro projecto.

No Moçambique, em Nacala a velha o projeto era dirigido para as mulheres e muitos grupos de formação deram nascimento a grupos de mulheres especializadas na produção hortícola.

Em Nhamatanda, uma dezena de grupos de produtores provém dos grupos de formação, que quiseram manter o hábito de debater dos problemas agrários e juntos procurarem soluções. Esses grupos têm atividades econômicas comuns, como a gestão de um banco de sementes, a produção hortícola ou a comercialização conjunta.

IV.4. Ligar a educação dos jovens e formação dos agricultores adultos

No Brasil e no Moçambique a aplicação da FAP foi associada a criação de Casa Familiar Rural ou Escola Familiar Rural que acolhe jovens da zona durante 3 anos para uma formação escolar e agrícola por alternância (2 semanas na escola, 1 semana na família).

As EFR trabalham com espírito muito parecido ao da FAP e muitas vezes com jovens que são filhos dos agricultores envolvidos na FAP o que facilita a aproximação entre esses dois dispositivos. A existência desta dupla formação permite intercâmbios entre os técnicos e os formandos, sinergias, e mutualização de certos meios pedagógicos.

A ESSOR está apoiando as EFR para se tornar pontos de referência e de apoio ao desenvolvimento agrícola local e nesse quadro se está tentando incorporar as atividades de formação de adultos com metodologia FAP e o acompanhamento dos promotores adentro das atividades das EFR.

A integração da formação de adultos com metodologia FAP a dentro das ações das EFR permite de um lado reforçar a inserção da EFR no seu meio e de outro lado garantir a perenidade da FAP numa zona.

IV 5. Envolver mais as instituições locais para facilitar a replicação da metodologia

Uma das vias para melhorar a replicação da metodologia FAP, e aumentar os impactos é uma maior ligação com as instituições públicas do sector agro-pecuário.

A metodologia FAP sendo bastante original em relação às metodologias usadas geralmente nos serviços públicos de extensão agrária, é fundamental envolver as instituições públicas desde o arranque do processo (e no ideal antes disto, na fase de identificação e elaboração do projeto).

Assim, este envolvimento terá vários benefícios: uma melhor adequação da formação ao contexto local, geralmente bem conhecido dos serviços públicos, e às políticas agrárias em curso, uma caução dessas instituições que pode facilitar o trabalho nas comunidades, a elaboração conjunta de referências úteis para o sector agrário (referencial de competências...)

Mas sobre tudo a participação dos serviços públicos, como observadores ou atores do processo (através da sua participação nos comités que coordenam o projeto, ou pelo envolvimento dos seus técnicos nas atividades de campo) permite despertar o seu interesse numa metodologia inovadora, e observar de perto as ferramentas e os métodos utilizados, permitindo a aplicação dos mesmos nas atividades dessas instituições.

Em todas as zonas onde a ESSOR implementou a metodologia FAP, os poderes públicos foram convidados a participar, mas em muitos casos, mas geralmente a participação limitou-se à sua presença em certos encontros mais formais ou na recepção de relatórios de atividades.

Porém, em Moçambique, a metodologia FAP chamou a atenção de alguns quadros do ministério, que apostaram na abordagem promovida pela ESSOR e aceitaram envolver-se mais.

Assim nasceu um projeto de apoio à agricultura urbana e peri urbana em Maputo e sua periferia, onde a ESSOR realiza a formação contínua dos extensionistas da rede pública, que da sua vez implementam uma metodologia inspirada da FAP com os seus grupos-alvo. O projeto está em curso e acreditamos que com essas condições operacionais, a metodologia FAP poderá ser apropriada e replicada no país.

V Síntese das principais forças e limites da metodologia

Resumindo as exposições anteriores, e de acordo com as avaliações realizadas nos projetos que aplicaram a metodologia FAP, as principais forças e limites da metodologia FAP podem ser resumidas da maneira seguinte:

FORÇAS	LIMITES
<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecimento de uma relação técnico – agricultor baseada na confiança mútua e na pesquisa conjunta • Identificação e análise dos problemas pelos próprios agricultores • Abordagem global da atividade agro-pecuária, não se limita apenas a uma ou a algumas produções • Programa de formação que inclui todas as noções teóricas úteis no contexto local: abordagem de noções teóricas na base dos problemas técnicos reais • Parte prática incluída nas formações, permite os agricultores ficarem mais seguros do que tinham aprendido na teoria e tirarem dúvidas, que só aparecem quando se põe em prática o que aprendeu • Aproveitamento do conhecimento dos agricultores, permitindo enriquecer o tema trabalhado, um maior envolvimento do agricultor e a escolha de temas e técnicas aplicáveis e realistas • Responsabilização dos agricultores na decisão das práticas a experimentar e na própria experimentação • Experimentação feita pelos agricultores, deixando margem de adaptação pelos mesmos, o que permite adaptar as propostas técnicas à realidade dos camponeses • Espaço importante deixado à inovação, à procura de alternativas novas (e não repetir o que já foi feito por outros projetos ou pelo ministério) • Torna o agricultor mais autónomo e lhe permite enfrentar futuros problemas • Forte adoção de inovações pelos agricultores e resultados espetaculares sobre a melhoria e a diversificação dos sistemas de produção. • Forte impacto sobre a mudança de atitude de uma boa parte dos agricultores (aumento da confiança em si, da auto-estima, gosto de experimentar, diminuição do fatalismo, assistencialismo, capacidade de proposta,) • Adaptabilidade da metodologia à diversidade das situações. 	<ul style="list-style-type: none"> • Necessidade de ter bons animadores, capazes de diagnosticar de forma fina, de saber ouvir os agricultores, de deixar eles falarem, de captar pequenos detalhes pertinentes nas respostas das pessoas, além de ter uma boa base técnica, as vezes é preciso levar muito tempo em lhes formar • A parte teórica é mais difícil realizar quando o nível escolar dos beneficiários é muito baixo • Formações demoradas, porque a metodologia aplicada é participativa, onde cada ponto é muito explorado. • Os resultados concretos nas explorações familiares somente aparecem a partir do segundo ou terceiro ano. • Não é adaptada a situações de quase emergência (por exemplo situações de forte insegurança alimentar) onde é mais conveniente trabalhar com ações de fomento agro-pecuário • Dificuldade para ter muitas propostas de inovação que saem realmente dos grupos (muitas das propostas de inovações e experiências eram feitas pela equipa) • Demora nos resultados de certas propostas técnicas, pois as experiências eram desenvolvidas seguindo o quotidiano dos agricultores • Dificuldade em obter dados mais precisos das experiências: os experimentadores têm dificuldades em fazerem registos da experiência, os animadores têm tempo limitado para acompanhar as experiências • Metodologia bem adaptada para resolver problemas técnicos, menos para os problemas ligados a gestão, comercialização e organização dos produtores • Dificuldade para difundir as novas práticas nas comunidades além dos beneficiários da formação. • Custo relativamente alto, (entre 600 e 1200 €/produtor) e por consequência dificuldades para perenizar e/ou replicar o dispositivo de formação e particularmente para que seja integrado pelos serviços públicos de extensão agrária.

A metodologia FAP é pragmática porque se baseia na realidade das situações vividas no campo pelos produtores. As suas principais forças vêm do seu caráter participativo, onde o agricultor tem um papel ativo em todas as etapas do processo. A FAP traz resultados sistemáticos sobre a diversificação e o aumento de produtividade dos sistemas de produção e mais que tudo esses resultados são duráveis : o produtor sai dominando novas práticas, mas sobre tudo se apropria uma metodologia de resolução de problemas baseado na pesquisa.

O custo da FAP está estimado em 600 a 1200 € por produtor para 3 anos de formação mas esse custo é compensado em 2 a 4 anos pelos aumento de renda dos produtores.

Sendo participativa e bastante ambiciosa, esta metodologia pode ser complicada aplicar, porque requer tempo e recursos, uma equipa bastante competente, e uma situação em que os produtores estão bastante “a vontade” para experimentar com tempo.

Muitas vezes, a parte de diagnóstico e identificação de temas de trabalho é feita de forma realmente participativa, mas a identificação de alternativas para experimentar é dirigida pelos animadores, e os ensinamentos teóricos acabam sendo tratados de forma rápida, ou desaparecem deixando todo o lugar à prática e a experiência. Esta tendência é mais forte, e às vezes necessária, quando o projeto actua com um público de nível escolar muito baixo, e quando a situação local obriga a ter resultados rápidos (forte insegurança alimentar). De salientar também que a mudança de atitude dos participantes aparece paulatinamente: no início do processo, poucos participam ativamente nos debates, mas ao longo do tempo eles ganham confiança e se apropriam a metodologia, até se envolverem mais e fazerem mais propostas.

A metodologia FAP é bastante flexível, e pode ser aplicada em vários contextos. Os exemplos dados na parte II mostram que em cada terreno onde foi aplicada as grandes linhas metodológicas (“ a filosofia”) foi conservada mas os métodos / as ferramentas usadas variaram bastante para se adaptar aos contextos locais com suas especificidades agro ecologias e sócio culturais

A principal limitação é a dificuldade para perenizar o dispositivo de formação. Ate agora não foi possível nas 4 zonas onde a ESSOR a aplicou, de integrar a metodologia FAP nas ações dos serviços públicos de extensão, talvez devido à sua complexidade ou ao seu custo. Nas 4 zonas, o trabalho de FAP continua a ser realizado por ONG locais com apoio de ONG internacional. Isto constitui desafios para o futuro, para consolidar e multiplicar os benefícios desta metodologia.

Conclusão

A metodologia FAP foi desenvolvida pela ESSOR como uma alternativa aos processos de extensão agrária “de cima para baixo” ainda utilizados em vários países pelos serviços públicos de extensão agrária. Da mesma maneira que outras metodologias similares desenvolvidas por outras organizações, a metodologia FAP procura tornar o agricultor o ator central de um processo de formação e de pesquisa, com o objetivo de aumentar as suas competências técnicas e a sua capacidade de inovar e de adaptar se as mudanças do contexto.

Baseando-se na análise das 4 primeiras zonas onde esta metodologia foi aplicada, e considerando os resultados obtidos em termos de elevação dos conhecimentos técnicos, da adoção de novas práticas, de aumento da produtividade e da sustentabilidade dos sistemas de produção, e da melhoria da auto confiança e da capacidade de iniciativa dos produtores, o balanço é claramente positivo.

Alem dos resultados técnicos e económicos, a formação permitiu aumentar realmente o saber e o saber fazer do agricultor. Através de um processo participativo baseado nos seus conhecimentos e na pesquisa, junto com os animadores, de novos conhecimentos, os produtores saem do processo fortalecidos com maior auto confiança e espírito de iniciativa.

Algumas observações realizadas 2 a 6 anos depois do fim do processo de formação mostram que as dinâmicas individuais e coletivas surgidas através da formação participativa continuam gerando impactos positivos no desenvolvimento local.

Os efeitos da FAP são fortes e duráveis sobre as algumas centenas de produtores que participaram diretamente no processo de formação (de 300 a 1000 em função dos países), e se estendem progressivamente e espontaneamente aos agricultores vizinhos, mas existem dificuldades para acelerar a generalização desses efeitos a uma região inteira. A ESSOR e os seus parceiros locais experimentam vários métodos como a divulgação alargada das inovações bem sucedidas, a formação de promotores agropecuários, o apoio às organizações de produtores mas com dificuldades para multiplicar os beneficiários sem perder as características da FAP.

A principal limitação encontrada é que, apesar dos bons resultados registrados nos quatro contextos onde foi implantada, não se conseguiu ainda que a metodologia FAP seja generalizada ou adotada pelos serviços públicos de extensão. Um vínculo mais forte com as instituições locais do sector agro-pecuárias, desde a identificação do projeto deveria facilitar a apropriação da metodologia por atores capazes de perenizar o processo e de o replicar em outras zonas.

Mesmo assim, constata-se que o desenvolvimento dessa metodologia, e de outras similares, pelas organizações da sociedade civil, está pouco a pouco influenciando as políticas públicas de promoção da agricultura em vários países. O Brasil adotou oficialmente um nova política de assistência técnica e extensão rural (ATER) com princípios parecidos à FAP, e o ministérios da agricultura de Mozambique e Cabo Verde, mostraram também bastante interesse para essa metodologia.

Esperamos que esse pequeno manual possa ajudar a replicação e adaptação da metodologia FAP.